

janeiro
fevereiro

1973 ANO DA JUVENTUDE



*Cristo,
conta
comigo
agora!*

UM POVO
EVANGELHO
MANDATO

O
MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO

A VOZ DO MINISTÉRIO ADVENTISTA

DIRETOR

RUBÉN PEREYRA

GERENTE

BERNARDO E. SCHÜNEMANN

COLABORADORES

R. A. WILCOX
ENOQUE DE OLIVEIRA

REDATOR

CARLOS A. TREZZA

DEPTO. DE ARTE

HENRIQUE C. KAERCHER

NESTE NÚMERO

EDITORIAL

- 3 1973!
- 4 Trabalhando em Cooperação
com Deus
R. A. Wilcox
- 6 O Adventismo em Face do Cal-
vinismo e do Arminianismo
Léo Ranzolin
- 12 Considerações Sobre a Trinda-
de — II
Aristarco Pinheiro Matos
- 14 O Que o Leigo Espera Que Seu
Pastor Seja
H. P. de Castro Lobo

- 19 O Pastor Como Mini-Presidente
Verner Vyhmeister
- 21 Planos Votados Para 1973
- 23 Os Adventistas Respondem ...

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 Sto. André, S. Paulo.

MUDANÇA DE ENDEREÇO — No caso de mudança de endereço enviar o antigo e o atual.

Assinatura Anual US\$ 3,00
Número Avulso US\$ 0,50

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

1
9
7
3

Faz dois anos, corriamos pelos arredores de um colégio adventista, na companhia do Pastor D. A. Delafield, secretário-associado do patrimônio literário da irmã White (White Estate), comentando o que sentiria a irmã White se ressuscitasse e visse as grandes instituições que a Igreja possui, mesmo em lugares muito distantes como aquele. Arquejante com o exercício, o Pastor Delafield respondeu: "Creio que sua atitude seria de tremenda surpresa ao ver que ainda estamos aqui na Terra, ao começar 1971!"

Dois anos mais já se passaram desde aquele dia, e ainda estamos aqui! Corria o ano de 1945. Um pregador examinava diante de atenta congregação os sinais dos tempos, e concluía dizendo com convicção: "Creio que não se passarão mais do que cinco ou seis anos sem que o Senhor venha." Já passaram vinte e oito anos desde aquele momento, e ainda podemos recordar, ainda podemos reviver o impacto que aquelas palavras produziram em nossa mente de menino. Todavia, ainda estamos aqui. O último capítulo do drama dos séculos demora a encerrar-se. Que falta? Todos concordamos que falta o cabal cumprimento de S. Mateus 24:14. Que o testemunho seja dado poderosamente, que a mensagem inunde a Terra com sua luz gloriosa, que o Espírito Santo batize o remanescente e que a pregação seja concluída mediante os humildes instrumentos consagrados a Deus.

Que necessitamos nós, como pastores? "Necessitamos mais zelo na causa de Cristo Zelo pela glória de Deus, eis o que movia os discípulos a dar testemunho da verdade com grande poder. Não deve esse zelo inflamar nosso coração ou o desejo de contar a história do amor que redime, de Cristo e Cristo crucificado?" — Evangelismo, págs. 697 e 698.

Será possível realizar durante 1973, nosso trabalho com este espírito? Neste momento, quando nos propusemos unir-nos todos, estamos prontos a empurrar o carro na direção indicada por Deus?

Ao examinar atitudes e reações próprias, notamos de tempos em tempos certo grau de profissionalismo, de espírito de "administrador," de "gerente." O aflorar dessas tendências, da preocupação, tem a sua justificativa, visto que o pastor é um verdadeiro mensageiro, o que encontrou uma causa e que é impelido por ela. Ela a vive com intensidade e com zelo.

Mariano Grondona, num artigo intitulado "Dadores de Luz," inserto na revista "Visión," de 9 de setembro do ano corrente, apresenta a falta de vitalidade dos três elementos que a seu juízo deveriam dar à humanidade a luz que esta tanto necessita: A Filosofia, a Arte e a Religião. Antes de fazê-lo, ele examina as possibilidades de outros três que dos quais se espera luz, e que estão tremendamente limitados: A Ciência, a Política e o Periodismo. A primeira falha, porque, apesar de nos prover com numerosos meios de ação, não nos diz como devemos usá-los. A segunda, porque sua função é "executar os ideais e sentimentos dominantes numa nação determinada," mas que não pode criar nem desenvolver esses sentimentos e ideais. E a terceira, porque sendo o "porta-voz da humanidade," não está contido no meio dos acontecimentos que relata, carece da perspectiva histórica que a capacitaria a julgar e avaliar esses acontecimentos.

Os que se podem dar, prossegue o citado ator, são os homens que se movem no âmbito da Arte, da Filosofia e da Religião. A primeira, porque deve marcar a sensibilidade necessária para sentir a vida. A segunda porque se interna em perguntas vitais para buscar respostas huma-

(Continua na pág. 11)



Trabalhando Em Cooperação COM DEUS

Estamos vivendo numa época em que é muito comum buscar ajuda de outros para a realização de uma tarefa. Ao estudarmos as maravilhas da Natureza, ficamos surpresos ao descobrir quantos elementos naturais trabalham juntos para um propósito comum. Nesta década poucas empresas há que trabalham sós. Muitas companhias e organizações estão sendo reconstituídas e reorganizadas, pois há necessidade de cooperação.

A igreja adventista precisa trabalhar unida, usando todos os seus talentos e todos os seus recursos para o alvo comum de dar a última mensagem de advertência a um mundo prestes a perecer. Lemos em I Cor. 3:9: "Porque de Deus somos cooperadores; labovra de Deus, edifício de Deus sois vós."

O mandato evangélico do Céu à igreja remanescente de ir e pregar as boas-novas ao mundo todo é claro, e a ordem alcança a cada um pessoalmente, a cada membro da igreja que guarda os mandamentos e aguarda ansiosamente o aparecimento do Senhor Jesus Cristo. É bom ler de tempos em tempos a ordem de Deus ao Seu povo dos últimos dias:

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.” S. Mat. 28:19 e 20.

Lemos aqui sobre as provisões e as promessas, e que Deus uniu talentos humanos — homens e mulheres consagrados — com a instrumentalidade divina, a fim de realizar a tarefa de advertir o mundo com a mensagem da hora do juízo. O verso 20 promete que “estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.”

Estamos trabalhando em cooperação com nosso Salvador, e esta é uma experiência diária. Tão logo o cristão reconhece a companhia de Jesus, e aceita a companhia também da irmandade, sente nova experiência no testemunho do Novo Testamento. Aceita cada irmão como parte do plano de Deus para salvar almas, e todo esforço como meio de levar outros a Cristo; toda atividade torna-se uma porção do esforço unido do humano em cooperação com o divino.

O apóstolo Paulo expressou muito adequadamente o espírito da cooperação no trabalho. “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus deu o crescimento. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento. Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho.” I Cor. 3:6-8.

É muito animador saber que somos um. O livro de Efésios, cap. 4, põe uma ênfase adicional ao propósito da unidade: “Com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há somente um corpo e um espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.” Versos 2 a 6. “E a graça foi con-

cedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo.” Verso 7. Este é um tempo importante para que se unam todos os dons da igreja e se trabalhe em cooperação na fraternidade de Cristo. Todos os nossos talentos são melhor aperfeiçoados quando os unimos com os talentos de outros sob a bênção de Deus.

O mandato evangélico é uma injunção divina para esforço agressivo, sem temor, que leve a cada pessoa dentro de nosso alcance a mensagem para este tempo.

“O segredo de nosso êxito na obra de Deus encontrar-se-á na operação harmoniosa de nosso povo. Tem de haver uma ação concentrada. Todo o membro do corpo de Cristo tem que fazer sua parte na causa de Deus segundo a capacidade que Ele lhe deu. Temos que conjugar esforços contra as dificuldades e obstáculos, ombro a ombro, e unidos pelo coração. Se os cristãos agissem de comum acordo, avançando como um só homem, sob a direção de um único Poder, para a realização de um só escopo, eles abalariam o mundo.” — *Serviço Cristão*, pág. 75.

Estamos nos preparando agora para mais um esforço unido neste quinquênio. Cada ano a Divisão Sul-Americana tem apresentado a seus membros e líderes de nossa igreja projetos especiais com ênfase na salvação de almas. Podemos lembrar-nos de que no passado tivemos um Ano de Colheita, um Ano dos Leigos, um Ano de Mordomia, e 1973 será o Ano da Juventude, nesta divisão.

É propósito de obreiros e membros unir todos os seus esforços e recursos num movimento evangelístico que envolva a igreja toda. Cada membro e cada obreiro, cada departamento e cada organização, cada instituição — todos estarão unidos neste esforço. Todos os nossos talentos, todos os nossos recursos deverão unir-se num envolvimento total de liderar nossa juventude na América do Sul para que partilhe sua fé.

O Pastor José Vianna, Diretor do Departamento dos Missionários Voluntários na Divisão Sul-Americana estará unido com os demais departamentos e setores de sustentação, sob o slogan: “Senhor, conta comigo agora! “Cento e cinquenta mil missionários voluntários em 1973, com o propósito de evangelizar a América do Sul para Cristo.

Há

Um Evangelho

Um Povo

Um Mandato

O Adventismo em Face do Calvinismo e do Arminianismo

LÉO RANZOLIN

Diretor Associado do Depto. M.V. da Associação Geral

Introdução

I) Importância do Assunto

Como Adventistas do Sétimo Dia, somos um povo diferente. Nossas doutrinas e pontos de vista são de natureza contrária a muitos dos grupos religiosos e denominações protestantes. É verdade que temos muito em comum com outras denominações; todavia, há alguns pontos básicos que nos são inteiramente peculiares: a guarda do sábado, a doutrina do santuário, o Espírito de Profecia, a relação entre a lei e o evangelho, a imortalidade e estado dos mortos, o juízo investigativo e muitas outras fases de nossa doutrina, incluindo a reforma da saúde.

Temos sido acusados de "legalistas" pelas principais religiões protestantes, fato este que não é verdadeiro. Para muitos, hoje em dia, a doutrina é unilateral. Existem aqueles que patrocinam apenas o Velho Testamento, como os judeus! Para eles o "Tora" é o fundamento de sua religião. São os cinco livros de Moisés, ou Pentateuco. Para outros, o Velho Testamento está encerrado, é só Jesus. Vivemos na Nova Dispensação, na graça, e não na lei. Af encontramos a maioria das religiões protestantes, como o grande evangelista Billy Graham. Outros, ainda, crêem apenas no Espírito Santo. São os Pentecostais. Deve haver o dom de línguas. Todavia, diz a Palavra de Deus: "E vi outro anjo voar pelo meio do céu e tinha o *evangelho* eterno para proclamá-lo a todos os que habitam sobre a Terra, a toda nação, tribo, língua e povo." Apoc. 14:6. Sim, este Evangelho Eterno abrange todos os tempos, tanto o Velho Testamento e o Novo Testamento como o Espírito Santo!

Veremos, portanto, nestas linhas, a relação dos Adventistas quanto a uma destas religiões. Qual o nosso ponto de vista com relação à salvação? Que atitude tomamos? Somos Calvinistas, Arminianistas ou quem sabe, temos uma doutrina peculiar diferente de todos? Isto é de importância relevante, principalmente quando observamos a tendência moderna para o liberalismo e principalmente o Ecumenismo, quando muitas religiões mo-

dernas estão se unindo, rompendo barreiras doutrinárias e formando "simbioses" religiosas, se assim nos podemos expressar. Estariam os Adventistas a ponto de se unirem a tais movimentos? Que afinidade temos com as religiões protestantes modernas, baseando-nos em alguns dos reformadores do passado que se alienaram da Igreja Católica?

II) O Problema

O problema em questão é o da salvação. Dizem os Batistas, que "um crente uma vez salvo, sempre salvo." Pode alguém, depois de aceitar a verdade, cair e ser salvo? Fomos predestinados para a salvação, como dizia Calvino, ou estamos sujeitos a eleição, à escolha, através de nossa fé, de nossa entrega ao Salvador? Bem, procuraremos analisar os pontos que nos elucidem um pouco mais esta teoria, esperando que cada um possa sentir-se entusiasmado e despertado para estas realidades espirituais. Apesar de termos muito em comum com os Batistas, mesmo assim discordamos em muitos outros pontos. Apesar de terem seguido o Calvinismo, hoje em dia há uma barafunda de pontos de vista entre os Batistas. O Metodismo tem pendido mais para o lado dos Arminianistas. Se nos aprofundássemos demais neste estudo, seria uma obra muito volumosa. Todavia, apenas abrimos as picadas, as clareiras, esperando que cada obreiro possa tomar interesse e pesquisar mais, conhecendo melhores diretrizes de aproximação àqueles com quem queremos formar prosélitos. Oxalá este estudo possa abrir novas fronteiras entre nós. É mister que conheçamos mais e estudemos mais. Um obreiro preparado é um obreiro eficiente!

CAPÍTULO I

DEFINIÇÃO DE TERMOS

I) Calvinismo

A) Dados Biográficos de João Calvino

João Calvino, o grande reformador francês, nasceu em Noyon, no dia 10-7-1509, e morreu em 27-5-1564, em Genebra, na Suíça.

Seus pais procuraram dar-lhe a melhor educação possível na época. No ano de 1523 ele foi para Paris, preparar-se para o sacerdócio. Sempre foi um estudante brilhante de Teologia; porém mais tarde, foi forçado pelo pai a mudar para Direito, em 1528. Humildemente obedeceu às ordens de seu pai, e foi para a cidade de Orleans, e logo em seguida para Bourges. Ali foi que esteve sob à influência de Melchior Wolmar, um humanista que era favorável à reforma.

Seu pai faleceu em 1531, e então ele volta a Paris, para o estudo dos Clássicos e Hebraico. No ano de 1532, Calvino se declarou abertamente Protestante. Naturalmente, já na Alemanha o Protestantismo havia-se iniciado em outubro de 1517, quando Lutero afixou as 95 Teses na Catedral de Wittemberg.

Foi em Paris que Calvino se inflamou com a Reforma que já estava penetrando entre os Humanistas. Associou-se com Nicolas Cop, e crê-se que tenha ajudado a fazer o discurso de abertura, quando este foi eleito Reitor da Universidade de Paris. O tema era a "Filosofia Cristã" e realmente girava em torno da lei e do evangelho. Cop criticou os teólogos de Sorbonne de "sofistas" e como resultado teve que fugir de Paris. Naturalmente, João Calvino, que era seu amigo, fugiu também. Depois disto Calvino andou de lugar em lugar. Em Angouleme ele começou sua famosa obra os "Institutos," e depois mudou para Nerac, em 4-1534, e depois para Noyon, e Paris novamente. Em 1534, publicou sua obra "Psychopannychia," que era um tratado contra o sono da alma entre a morte e a ressurreição. Em janeiro de 1535, esteve em Strasburg, e no mesmo mês em Basel. Ali deu os retoques finais nos seus "Institutos da Religião Cristã" e os publicou em 3-1536, aos 26 anos de idade. Logo em seguida foi para Ferrara, em 5-1536 e depois a Paris mais uma vez. De Strasburg foi para Genebra, onde se associou com Farel. Em 1538, ele e Farel, foram ordenados a sair da cidade, e então Calvino seguiu para Basel e Strasburg. Ali casou; porém, sua esposa faleceu em 1549 e ele não casou mais. Mais tarde, à pedido de Farel e amigos, volta para Genebra, em 1540, para dirigi-la de acordo com seus "Standards." Sua reputação, atraiu a fama para a cidade, e muitos ingleses, holandeses, italianos, espanhóis e estudantes afluíram para ouvir seus métodos e palestras. Calvino pregou por 30 anos na Catedral de São Pedro, e fundou a famosa Academia de Genebra.

B) *Idéias de Calvino.*

1. Seu sistema era baseado no Credo dos Apóstolos. Suas reformas eram práticas; e mesmo a doutrina da predestinação tinha o seu sentido e preocupação práticos. Devido à ênfase

colocada sobre esta parte, o povo de Genebra pensou de ser a pedra de esquina da fé cristã. Ele permitiu à igreja mais autoridade do que qualquer outro reformador. "A igreja é nossa mãe." (*Institutos*, Vol. IV, i. 7).

2. Fora da igreja não há salvação.

3. A igreja tem autoridade absoluta em questões religiosas; porém, as civis devem ser entregues ao Estado. Aqui vemos a Separação entre a Igreja e o Estado.

4. O governo ideal é aquele: democracia, aristocracia e um rei ou autocrata.

5. Deus era o Deus de justiça, o soberano, o governador, mais do que amor em tudo, em Cristo, era o motivo de sua reverência.

C) *Calvinismo.*

1) *Significado do Termo.*

Ao falarmos do Calvinismo pode nos ocorrer as seguintes idéias:

a) Trabalho individual de João Calvino.

b) Sistema doutrinário das igrejas Reformadas, distintamente das igrejas Luteranas conhecidas, as igrejas Calvinistas, devido à influência de João Calvino.

c) De uma maneira mais ampla, o corpo de doutrinas e concepções teológicas, éticas, filosóficas, sociais e políticas, que sob a influência da mente mestra de João Calvino se levantou e dominou as terras protestantes na era Pós-Reforma, e deixou sua influência sobre o pensamento humano.

Nós consideramos a segunda idéia, que tem que ver com o sistema doutrinário das igrejas Calvinistas.

O fundamento principal do Calvinismo está baseado numa apreensão profunda de Deus em toda a Sua Majestade! O homem deve crer em Deus sem reservas e deve deixar que Deus domine todo o seu ser. No Calvinismo, o Teísmo tem todos os seus direitos, objetivamente falando. Subjetivamente, as relações religiosas atingem toda a sua pureza. Soteriologicamente falando a religião evangélica encontra a sua expressão plena e sua estabilidade. Tudo gira em torno de uma absoluta dependência de Deus. Deus é que deve dirigir tudo.

"A relação religiosa atinge sua pureza somente quando uma atitude de absoluta dependência de Deus não é mera e temporariamente assumida nos atos, como da oração, mas é sustida através de todas as atividades da vida intelectual, emotiva, e executiva. Uma religião evangélica alcança estabilidade somente quando a alma pecadora descansa num humilde esvasamento de si mesma e confia puramente no Deus da graça, como a fonte única e imediata de toda a eficiência a qual entra em sua salvação. Estes são os principais pontos formadores do Calvinismo." — "*The New Schaff Herzog Encyclopaedia of Religious Knowledge*," Vol. II, pág. 361.

D) Soteriologia do Calvinismo.

Salvação é Deus! A força e pureza de sua crença no *Fato* sobrenatural (que é Deus) salva de todo o embaraço face ao *Ato* sobrenatural (que é o milagre). ("Schaff Herzog," op. cit., pág. 361).

Em todo o processo da redenção, a força motriz é Deus, a iniciativa é de Deus. É a revelação sobrenatural através da qual Deus faz conhecida a sua vontade para o homem, e seus propósitos da graça.

Um relatório sobrenatural desta revelação, dado num livro sobrenatural, no qual Deus dá à Sua revelação permanência e extensão!

"Graça irresistível," "eleição efetiva."

Talvez o ponto básico do Calvinismo seja o fato da exclusão absoluta do elemento humano na iniciação do processo redentivo, para que a graça de Deus seja amplificada. Calvino, com isto, quis expressar de certo modo a dependência completa do homem, como pecador, num Deus de salvação, e que oferece livre misericórdia.

Calvino se opõe firmemente ao "Auto-soterismo."

"Acima de tudo está determinado que Deus, em seu Filho Jesus Cristo, agindo através do Espírito Santo a quem Ele enviou, será reconhecido como nosso Salvador verdadeiro. Para ele o homem pecador se defronta em necessidade, não de ser induzido ou assistido para se salvar a si mesmo, mas de salvação real; e Jesus veio, não para aconselhar, urgir ou induzir, ou ajudá-lo a se salvar a si mesmo, mas para salvá-lo. Esta é a raiz da Soteriologia Calvinista! ("Schaff-Herzog," op. cit., pág. 361).

Deus é que escolhe o homem, e não o homem que escolhe Deus. Portanto, de acordo com Calvino, o homem deve toda a sua salvação em todos os seus processos e em todos os seus estágios a esta escolha de Deus.

O homem seria um ingrato se não reconhecesse que Deus o escolheu através da inexplicável eleição de Seu amor.

"A pedra de esquina da Teologia de Calvino era a soberania absoluta de Deus, unida ao dever do homem de se submeter implicitamente à orientação desta vontade. Ele dizia que desde a eternidade, Deus elegeu ou predeterminou uma salvação eterna imutável ou perdição para cada indivíduo.

E a razão e justificação final em cada caso particular é que Deus assim o quer. Os eleitos de Deus, conhecidos com Ele somente, constituem a Igreja, fora dos quais eleitos, não há salvação. A ênfase de Calvino era fortemente teocêntrica em contraste com a de Lutero, que era Cristocêntrica. Em epítome, é a diferença básica entre os dois." — L. Froom, "The Conditionalist Faith of Our Fathers," Vol. I, pág. 114.

Era na realidade uma teocracia sem tolerância e havia até a pena capital para ofensas espirituais. (Froom, op. cit., pág. 115).

De 1542-1546, num período de 4 anos, houve 58 execuções em Genebra, e 76 pessoas foram banidas da cidade.

E) Pontos Básicos do Calvinismo Apresentados Por Ocasião da Remonstrância.

(1) Que Deus, (como alguns disseram) tinha ordenado por um decreto eterno e irreversível, alguns dentre os homens (quem Ele não considerou como criados, muito menos como caídos) para a vida eterna; e alguns (que eram a maior parte) para a perdição eterna, sem qualquer consideração à sua obediência ou desobediência, para mostrar tanto Sua justiça como Sua misericórdia; tendo assim disposto os meios, que todos aqueles que Ele apontou para a salvação deveriam ser necessária e inevitavelmente salvos, e o restante necessária e inevitavelmente condenados.

ARMÍNIO



(2) Que Deus (como outros ensinaram) tinha considerado a humanidade, não somente como criada, mas como caída em Adão, e conseqüentemente sujeita à maldição; da qual queda e destruição Ele determinou de soltar alguns e salvá-los como exemplos de Sua misericórdia e deixar outros, mesmo os filhos do Concerto, sob à maldição, como exemplos de Sua justiça, sem qualquer consideração à crença ou descrença. Para o qual fim Deus, também, fez uso de meios através dos quais, os eleitos foram necessariamente salvos e os reprovados necessariamente condenados.

(3) Que, conseqüentemente, Jesus Cristo, o Salvador do mundo, não morreu por todos os homens, mas somente por aqueles que foram (escolhidos) eleitos de acordo com a primeira ou segunda maneira.

(4) Que, portanto, o Espírito de Deus e Cristo, operaram nos eleitos por uma força irresistível, para fazê-los crer e ser salvos, mas que graça necessária e suficiente não foi dada ao réprobo.

(5) Que aqueles que uma vez receberam a fé verdadeira, nunca a perderão completamente ou finalmente. — A. W. Harrison, "The Beginnings of Arminianism," 1926, págs. 149 e 150, citado em "Question on Doctrine," págs. 403 e 404.

II) ARMINIANISMO.

A) Dados Biográficos de Tiago Armínio.

Jakobs Hermanns, teólogo holandês, nasceu em Oudewater, no dia 10-10-1560, e morreu em Leyden, no dia 19-10-1609. Seu nome, Jakobs, corresponde em português a Jacó, Jaime ou Tiago. Adotaremos o nome Tiago, que é o mais usado. Seu último nome, Hermanns ou Hermanse, foi latinizado para Arminius, costume que era feito em seus tempos.

Seu pai faleceu muito cedo,

e ele foi viver com Rudolph Snellius, professor em Marburg. Em 1576, voltou para casa e estudou Teologia em Leyden sob orientação de Lambert Danaeus. Ficou ali por 6 anos, e foi depois para Genebra e Basel, onde ficou sob Beza e Grynaeus. Ali lecionou sobre a filosofia de Petrus Ramus e a Epístola dos Romanos.

Em 1588, foi apontado pelo governo de Amsterdam como pregador da Congregação da Reforma, onde ficou 15 anos. Surgiram debates, especialmente com Petrus Plancius, com referência às suas idéias sobre a eleição e a condenação. Mais tarde, com a morte de dois professores, Armínio foi chamado para a Universidade de Leyden, e se tornou doutor em Teologia.

As disputas começaram quando Armínio começou a lecionar sobre a predestinação e o campo, então, se dividiu em dois: os Calvinistas queriam um Sínodo Geral para resolver a situação, porém os Estados Gerais se opuseram à idéia.

Em 1608, ele e F. Gomarus, seu colega, foram precipitados num debate. Os Estados da Holanda tentaram reconciliá-los, mas não houve jeito. As negociações terminaram com a morte de Armínio, em 1609.

Em seu "Disputationes" encontramos sua teologia.

B) Idéias de Armínio.

Armínio não podia seguir a doutrina dos Calvinistas, de que Deus era o autor do pecado e da condenação dos homens. Ele procurou ensinar uma predestinação condicional, e colocou mais importância na fé. Seus seguidores expressaram suas convicções nos 5 famosos "Artigos Remonstrantes," apresentados diante do Estado, como justificação de suas idéias. Adotaram esse nome porque se recusavam ser chamados Armínios.

"Arminianismo, em essência, ensina que a supremacia de Deus é condicionada à livre von-

CALVINO



tade humana, a qual Ele deu voluntariamente para o homem, e coloca taxativamente no indivíduo a responsabilidade pelos seus próprios pecados e pela sua decisão de aceitar a salvação.” — L. E. Froom, “*The Prophetic Faith of Our Fathers*,” Vol. IV, pág. 28.

Os princípios básicos do Arminianismo são:

a) Universalidade do benefício da Expiação.

b) Restauração da liberdade da vontade humana, como um elemento nos decretos divinos, em oposição à asserção da absoluta soberania de Deus. — “*SDA Bible Commentary*,” Vol. IX, “*Source Book*,” pág. 53.

Os Wesleys foram os seguidores de Armínio, e o que temos hoje como os metodistas. O reavivamento idealizado e efetuado pelos metodistas, era na realidade o “arminianismo em fogo.” — “*Source Book*,” op. cit., pág. 54.

C) Soteriologia do Arminianismo.

Para Armínio, a eleição deve ser entendida em termos “em Cristo.” Para ele há uma relação íntima com Cristo, ao contrário do que alguns tentaram acusá-lo! Cristo não estava apenas obedecendo a um decreto. Ele veio dar a Sua vida pelos pecadores. Ele não é só um agente, mas é o fundamento da eleição.

Sua posição era que o homem se torna responsável pelo que crê.

Dá a impressão, muitas vezes, de que Armínio construiu sua teoria na base de uma “fé prevista,” onde o homem escolhe Deus, sendo a decisão do homem a “causa.”

Deveria ser notado, no entanto, que Armínio coloca sua última noção em uma posição subordinada ao apontamento (ou eleição) de Jesus Cristo, e que a eleição em termos de uma “fé prevista” pode permanecer nem só, nem primeira. Muitos não têm feito esta distinção.

Isto pode levar a uma conclusão de “graça livre” à “livre vontade.”

“A livre graça de Deus em Jesus Cristo confrontou o homem com a questão decisiva” para Armínio, mas a resposta da fé não foi feita numa força como que uma sobra de bondade. Fora de Cristo não pode haver resposta, mas a resposta da fé, é não obstante, o ato do homem, um ato, para estar certo, não de realização e mérito, mas de entrega e aceitação. Neste ato, o homem dá a glória a Deus, mas por ele, o homem mesmo é responsável. Graça para Armínio originou a liberdade e responsabilidade, não as destruiu ou tirou-as de seu lugar.” — “*Source Book*,” pág. 55.

Gomarus dizia: “Deus considerou o homem, no decreto da reprovação, não como caído, mas antes da queda, e o próprio decreto da reprovação precedeu ao da criação.” — Newman, Albert Henry, “*A Manual of Church History*,”

Vol. II, pág. 339, citado em “*Arminianismo e Metodismo*,” pág. 34.

Aí, nós podemos ver a predestinação selada, incondicional, estabelecida pela própria vontade de Deus, antes que tudo fosse criado. Naturalmente, Armínio não podia concordar com estes pensamentos. Ao invés de glorificar a Deus, isto o rebaixava, e empobrecia a obra redentora de nosso Salvador Jesus Cristo. Não haveria necessidade da cruz e a obra do Senhor no Calvário seria inútil, ou digo, perderia seu valor para a humanidade. O homem não poderia responder individualmente a Deus: “sim” ou “não”. Tudo já estava selado, predeterminado.

Para Armínio, a predestinação era condicional, isto é, o infralapsarianismo, ao invés do supralapsarianismo. Deus somente destinou o homem após a queda, pela sua presciência, levando, naturalmente, em consideração a atitude do homem em face da tentação. A predestinação se tornaria então uma conseqüência do ato humano e não um decreto pré-estabelecido por Deus.

Se temos a predestinação absoluta, segundo Armínio, não há necessidade para o livre Arbítrio. Como podemos entender passagens como: “Aquele que quiser.” “Aquele que crer.” “Faze isto e vive.” “Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” etc.?

Para Armínio também há um decreto de Deus. Só que era um decreto diferente do de Calvino. Por ele, Deus decidira enviar Seu Filho, na qualidade de Salvador. Aqueles que cressem nEle e aceitassem Sua obra redentora seriam justificados e salvos, mas quantos permanecessem voluntariamente em seus delitos e pecados, seriam condenados. A vontade de Deus era que todos cressem e fossem salvos. Este era o desejo de Deus, a salvação de todos os homens.

Para Armínio o homem salva-se não porque tivesse sido eleito, e sim, pelo contrário, aceitando a Cristo como seu Salvador é que ele se torna eleito. A eleição é uma conseqüência da identificação do pecador redimido com a obra do Filho de Deus. A salvação é uma cooperação entre o homem e Deus. Deus já fez tudo pelo homem; basta o homem ir ao encontro de Deus. Há a tendência de alguns colocarem muita força sobre o homem. Em outras palavras, o homem é que deve ir a Deus e então Deus vem ao encontro.

D) Pontos Básicos do Arminianismo.

Estes pontos foram levantados pelos discípulos de Armínio, por ocasião do ano 1610, quando lhes foi pedido pelos Estados da Holanda. Foi, então, que surgiu os “Remonstrantes,” como

(Continua na pág. 20)

DE CORAÇÃO A . . .

(Continuação da pág. 3)

nas, e a terceira, a religião, porque "intenta o esforço supremo de examinar as últimas perguntas do outro lado do humano." E logo chega a uma conclusão desalentadora: Esses dadores de luz estão em crise. Não parece haver filósofos que lancem luz; a Arte "nos obscurece com sua própria desorientação," e as igrejas "já não parecem tábuas de salvação." Para cúmulo dos males, acrescenta que o ritmo da vida atual, ao sabotar a paz, a serenidade e a contemplação, tornam praticamente impossível a ressurreição desses grandes espíritos iluminados. "Há então um dramático vazio."

É o povo remanescente um dador de luz? É uma segura tábua de salvação? Cremos que sim. Apocalipse 18:1 fala da Terra iluminada pela glória magnífica desta mensagem, e o profeta Isaías das trevas espancadas por uma luz que não viria de política, nem de qualquer ciência, ou de alguma filosofia nem de periodismo, arte ou religião, mas provinda de Jeová, pois é a glória do Senhor que deveria resplandecer.

Mas essa luz vem quando há convicção, quando a mensagem possui o homem. Talvez esteja aí a chave de nosso maior mal: uma maquinaria muito perfeita, métodos, planos e alvos ambiciosos, porém carentes de combustível divino. Possivelmente temos perdido o zelo e a intensidade dos apóstolos, características que estão hoje em outras mãos. O espírito fervoroso, abnegado, arrojado, parece estar hoje dominando causas alheias à pregação do evangelho.

Um estudante universitário falava em Moscou com um pastor cristão, e dizia: "Vocês, cristãos, dizem que vão ganhar o mundo, mas nós temos feito mais em 50 anos do que vocês em 2 mil. E sabe por quê? É que vocês não se consagram a sua tarefa, a sua causa. Nós, sim. Nós vamos vencer, vocês verão." — O Desafio, Billy Graham, págs. 114 e 115.

Outro dava o seu testemunho com estas palavras: "Temos em nossas fileiras um elevado índice de baixas. Somos fuzilados, enforcados, aprisionados, injuriados, ridicularizados, despedidos de nossos empregos. . . . Temos uma filosofia de vida que dinheiro algum pode comprar. . . . (Minha causa) é minha vida, meu negócio, minha religião, meu passatempo, minha noiva, minha esposa, meu segredo, meu pão e minha carne. Durante o dia dedico-me a isto, e à noite sonho com isto. Seu domínio sobre

mim cresce com o passar do tempo, e não diminui." — Idem, pág. 115.

Este foi precisamente o espírito que dominou os apóstolos, quando saíram para conquistar e transformar o mundo. A diferença está em que sua arma era o amor! Quão parecidas são aquelas palavras com as de Paulo, quando diz que eram em tudo atribulados, embora não angustiados. (Ver II Cor. 4:9-11.)

Talvez o que necessitamos ao iniciar-se o ano de 1973 seja uma boa dose de valor, de convicção, de intensidade em nossa vida espiritual e no exercício de nosso ministério, de zelo por terminar a obra e de profunda preocupação pelas almas que perecem.

Nestas mesmas páginas está o Programa de Ação Coordenada para 1973, o Ano da Juventude. Este é um plano elaborado com dedicação e paciência pelos departamentais e administradores da Divisão Sul-Americana. Surgiu como resposta à necessidade imperiosa de integração de planos, metas e objetivos, ao levar adiante a obra de conquista de almas. Tem como objetivo unificar planos, e todos nos propomos realizá-lo plenamente unidos.

Mas, por mais bem traçado que esteja, ou prático que seja, e venha preencher uma necessidade imperiosa, é um simples esqueleto sem vida, a menos que se ouça a voz de Deus, dizendo: "Eis que faço entrar em vós o espírito, e vivereis." Eze. 37:5.

Passar-se-ão outros vinte e oito anos antes que Jesus venha? Chegarão a ser obreiros os meninos que assistem hoje em nossas igrejas? Seremos nós as testemunhas das maravilhas finais? Talvez isto dependa da ação de pôr de lado todo espírito de profissionalismo, de funcionário, que ainda possa existir em nosso ministério, e que nos leve à ação um poder que brote da entrega sem reservas à causa, haja o que houver, venha o que vier. Isto dependerá do grau de unificação que nossos planos alcancem, união entre nós mesmos e com os planos e diretivas de Deus. Também dependerá do uso de cada talento concedido por Deus a obreiros e leigos: os primeiros sentindo o chamado para admoestar o mundo, sem olhar o grau do trabalho que desempenha, e os leigos, na ativa participação entusiástica nos sábios planos de trabalho pelas almas, como um disciplinado exército que marcha para a frente.

"Desperta, tu que dormes, levanta-te dentre os mortos, e Cristo te alumiará." Efés. 5:14. — Rubén Pereyra.

Considerações Sobre a Trindade - II

Aristarco Pinheiro Matos

JURA POR SI MESMO:

Em Gên. 22:16 lemos: "E disse: Por Mim mesmo, jurei, diz o Senhor (JHVH)... "Mas se voltarmos um pouco na leitura veremos que Este Senhor é o que é chamado de o Anjo do Senhor (Anjo que é o Senhor). Sabe-se que por não haver outro acima dEle é que jura por Si mesmo. Repito: Quem jura é o "Anjo que é o Senhor," não Deus o Pai, mas Aquele que séculos mais tarde ao tomar a natureza humana por meio de Maria, passou a ser chamado de Jesus!

JEOVÁ FALA A ADONAI:

Abramos as nossas Bíblias em Sal. 110:1. Que lemos? "Disse o Senhor ao meu Senhor..." Os unitaristas dizem: Ali estão, Jeová (referindo-se a Deus o Pai) e Jesus. Sim, está certo, dizemos nós; mas qual é Deus o Pai e qual é Deus o Filho? Não se trata de uma pergunta tola, como possa parecer. Isto porque na língua hebraica assim está: "Disse Jeová a Adonai. ..." O Comentário Adventista diz: "De acordo com a declaração de Jesus (S. Mat. 22:41 e ref.), a conversação ocorreu entre Deus o Pai e Deus o Filho." (*Sevent-day Adventist Bible Commentary*, Vol. 3, pág. 880). Sim, ali temos Deus, o Pai, e Deus, o Filho. Mas, voltamos a nossa pergunta: qual é Deus o Pai e qual é Deus o Filho? Um é chamado de JEOVÁ e o outro de ADONAI. Deus o Pai

é Este chamado de Jeová (ainda que noutros passos Jesus também é chamado de Jeová, como já apresentamos). Jesus, portanto, neste texto é Este chamado Adonai (Meu Senhor).

Quem é Adonai? A palavra Adonai (meu Senhor) no Velho Testamento é aplicada tanto a Deus o Pai, como a Deus o Filho. Por exemplo: Em Gên. 15:1, 2 e 8, está escrito: "Depois destas coisas veio a palavra do Senhor (JHVH)... Então disse Abrão: Senhor Jeová (Adonai Jeová)... E disse ele: Senhor Jeová (Adonai Jeová), como saberei que hei de herdá-la?"

Juízes 13:8: "Então Manoá orou instantaneamente ao Senhor (Jeová), e disse: Ah! Senhor (Adonai) meu..."

Esdras 10:3: "Agora, pois, façamos concerto com o nosso Deus (Eloim) de que despediremos todas as mulheres, e tudo o que é nascido delas, conforme ao conselho do Senhor (Adonai)..."

Este argumento não é nosso; Jesus o usou para provar a Sua divindade, quando citou este Salmo, para os fariseus de Seu tempo. Assim registra Mateus, as Suas palavras: "E, estando reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus, dizendo: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Eles disseram-lhe: de Davi. Disse-lhes Ele: Como é então que Davi, em espírito, lhe chama Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés. Se Davi pois lhe chama Senhor, como é seu filho? E ninguém podia responder-Lhe uma palavra: nem desde aquele dia ousou mais alguém interrogá-Lo." (S. Mat. 22:41-46).

Nas páginas do Novo Testamento notamos que muitas vezes o Logos encarnado — agora Jesus — além de ser adorado (S. Mat. 8:2; 14:33; 28:9; Heb. 1:6) é chamado de Deus: "Para apascentardes a igreja de Deus, que Ele comprou com o Seu próprio sangue." Atos 20:28. "Dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém." Rom. 9:5. "Mas do Filho, diz: Ó Deus, o Teu trono subsiste pelos séculos dos séculos." Heb. 1:8. "Jesus Cristo, Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna." I S. João 5:20.

O Novo Testamento mostra também Jesus possuindo os atributos de Deus: Vida (S. João 14:6); Santidade (S. Luc. 1:35); Eternidade (S. João 1:1); Onipresença (S. Mat. 28:20); Onipotência (S. Mat. 28:18). Mostra ainda que as obras de Deus são as de Jesus igualmente.

JEOVÁ FALA A ADONAI:

Pessoas há que citam textos que falam da subordinação de Jesus, inferindo daí a Sua inferioridade junto ao Pai e, neste caso, consequentemente deduzir a Sua criação. Mas o Co-

Explicitamente exposta nas
Escrituras do Novo Testamento,
a doutrina da Trindade é também
perfeitamente perceptível
nos Escritos
do Velho Testamento.

mandante das hostes celestes é um ser *suis generis* em todo o Universo, combinando em Si divindade e humanidade. NEle vemos dois estados: o estado de exaltação (quando no Céu, antes de Sua encarnação), e o Seu estado de humilhação (quando tomou a natureza humana, nalgum sentido ficando limitado a certas contingências desta natureza.) Assim é que alguém pode ter diante de si um texto que fale de Cristo no Seu estado de humilhação, como S. Mat. 24:36 (onde Seu conhecimento é limitado) o que poderia causar dificuldades.

“Ao Se revestir da natureza humana, assumindo a forma de um homem, Jesus Cristo renunciou por certo espaço de tempo — enquanto tabernaculou entre os homens — o Seu “modo” de existência divina, não a Sua natureza divina.” — (Sabatini Lalli, em *O Logos Eterno*, pág. 48).

Sobre tal assunto já o apóstolo Paulo se referiu ao escrever aos filipenses: “Que sendo em forma de Deus não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se semelhante aos homens, e achado na forma de homem, aniquilou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.” Fil. 2:6-8.

“Ao dizer que Cristo Se aniquilou, Paulo não está dizendo que Ele renunciou a Sua natureza divina, mas que renunciou apenas à forma ou o modo de Sua existência como Deus. Como ‘Logos á Sarkós’ (Verbo não encarnado), Cristo é Deus, existindo na forma ou no modo de existência divina; como ‘Logos

énsarkós’ (Verbo encarnado), Cristo é Deus, existindo na forma, isto é, na essência ou substância da natureza humana.” — *Idem*, pág. 38.

Sabatini Lalli ainda diz: “A expressão, ‘que sendo ou subsistindo na forma de Deus,’ revela que, na mente lúcida de Paulo, como também no texto grego — pois o apóstolo se expressa com clareza e segurança — está contida a afirmação da preexistência eterna do Logos Divino. Em sua segunda carta aos Coríntios, 8:9, Paulo afirma: ‘Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, por amor de vós Se fez pobre; para que pela Sua pobreza enriquecêsseis.’ A mesma força verbal que se encerra na frase ‘sendo ou subsistindo na forma de Deus,’ de Fil. 2:6, é evidente e irredutível na expressão ‘sendo rico,’ de II Cor. 8:9. Cotejando estas duas passagens, concluímos que, além de o Logos, como Pessoa, ter existência eterna, conforme S. João 1:1, possuía também as riquezas próprias do Seu estado de Divindade. Para o apóstolo, o Logos não ‘era’ pobre, mas ‘tornou-Se’ pobre, ‘fez-Se’ pobre. O verbo grego ‘ptochéuo’ — que significa ‘tornar-se pobre,’ ‘fazer-se pobre’ ou ‘empobrecer’ — é empregado por Paulo na terceira pessoa singular do Indicativo Aoristo (éptócheusen) e indica uma ação passada, que se realizou em certo tempo. Este tempo é referido por Paulo em Gál. 4:4, e na carta aos Heb. 1:1. A riqueza que o Logos Divino renunciou, quando assumiu a forma ou a natureza humana, foi a Sua glória, o Seu domínio e a Sua bem-aventurança. Na Sua pobreza, o Logos identificou-Se com a raça humana na sua miséria e, por meio desta identificação, enriqueceu-a com a suprema dádiva da Justificação, da Iluminação, da Santificação, da Paz, da Alegria, da Certeza da Vida eterna, presentes de valor infinito que a raça recebeu em virtude da encarnação do Logos.” — *O Logos Eterno*, pág. 39.

O ESPÍRITO SANTO:

Agora resta-nos saber o que a Santa Escritura fala a respeito do Terceiro membro da Trindade — o Espírito Santo.

Foram os Montanistas (grupo reacionário que surgiu contra o afrouxamento moral da igreja, durante o segundo século) que primeiro — fora dos escritores bíblicos — definiram o Espírito Santo como sendo uma Pessoa.

Hoje muitos crêem ser o Espírito Santo uma influência divina, ou “força ativa” de Deus, pelo fato de a palavra ESPÍRITO em grego PNEUMA, ser neutra. Porém estes se esquecem de que o Novo Testamento freqüentemente usa o pronome masculino EKEINOS para Ele, o Espírito Santo. (*Cont. no próximo número*)



O que o Leigo

NEM sempre a Igreja, como congregação, se lembra de que o pastor é criatura humana, como qualquer outra. No cerimonial do Santuário, cada ano o sumo sacerdote oferecia primeiramente um cordeiro por ele mesmo e por sua casa, mercê da sua e da natural humanidade de sua família. Como qualquer um dos grandes profetas, também era “sujeito às mesmas paixões.”¹

Outro pormenor lamentavelmente também esquecido e que lembrado evitaria males, é que sobre o pastor está uma divina unção, uma separação sagrada, consagração a um divino serviço. E se cada leigo tivesse permanente lembrança dessa importante verdade que diz respeito ao ministério, então suas exigências, nem sempre razoáveis, seriam aferidas por meio dessa respeitável realidade espiritual.

O Novo Testamento ensina o apreço que deve o leigo pelo pastor. O Espírito de Profecia confirma e comenta o ensinamento. Tratar o ministro sempre respeitosamente, deferente e atentamente deveria ser natural comportamento de quantos têm a felicidade de saber seus nomes inscritos no rol da Igreja. Mas, nem sempre assim ocorre. Daí ser preciso estar o pastor prevenido, preparado para a situação, lembrando-se que a Igreja não é museu de santos, mas vasto hospital de pecadores, peregrinos, caminhando dificilmente para a Canaã Celeste, todos sem exceção, passíveis de errar, como o próprio pastor o é. Contudo, deve ter em conta que ele é o líder de um grupo, e liderança implica certas virtudes indispensáveis. Há o fato de ele, como pastor, ser o delegado da Missão ou Associação junto a uma congregação, seja ela qual for. Assim, dele naturalmente muito se espera, em face dessa importante vinculação. Não pode ser obra totalmente humana. Sem o recurso, sem o apoio divino, o sagrado mister seria frustrado.

O que vamos enumerar, baseados na experiência, apenas lembra algumas dessas virtudes da liderança pastoral, talvez as mais necessárias ao bom êxito do pastorado, mormente na conjuntura atual, nestes dias difíceis, ao lado da urgência de mensagem a ser dada ao mundo nesta geração.

Exemplo

O leigo espera que seu pastor seja exemplo dos fiéis.² Os romanos diziam sabiamente que “a palavra move, o exemplo arrasta.” Os sermões, as pregações, as conferências, os estudos, os conselhos devem mover a Igreja, mas é o exemplo que tem a poderosa força de movimentá-la, de movê-la para a frente! Acresce que “de alto a baixo na escala social, o exemplo é a mais bela forma de autoridade.”

O apóstolo Paulo, não obstante a humildade que lhe era peculiar, declarou e teve coragem de fazê-lo: “Sede meus imitadores como eu sou de Cristo.”³ O leigo espera que seu pastor possa esforçar-se para dizer o mesmo. Sendo ele humilde para francamente desculpar-se quando falha — o que nem sempre ocorre — exercerá decidida influência sobre

Espera que Seu Pastor Seja

H. P. de Castro Lobo

a congregação. Essa virtude aliada à ternura e carinho para com o rebanho, pode induzi-lo às sendas do Evangelho.

A família do pastor para que seja estímulo de emulação, precisa também ser exemplar, pelo poder de Deus, a fim de não lançar sombras sobre a obra do ministro. Que ele tome tempo para carinhosamente ordenar sua família, de tal modo que possa ela ser olhada com respeito e apreço. Isto não pode ser alcançado sem esforço diário, sem o altar da família, sem oração diária. Se o lar do pastor for fiel, mormente em questão de vestuário decoroso, grande é o efeito sobre a congregação, nesta época de modas eróticas, tão petulantes e desabridas que se atrevem a penetrar mesmo no Santuário enquanto a Igreja, como congregação e como movimento, ainda o esteja permitindo! E em matéria de reforma de saúde a família do pastor, dando o exemplo do que a Igreja sugere como espiritual e científico, é igualmente bênção para os irmãos.

Fiel a Princípios

O leigo espera que seu pastor seja cem por cento adventista, seja expressão viva da Mensagem, coerente com sua fé. Acha que essa atitude é um dos melhores sermões que o pastor possa pregar, a ele leigo, em particular, e à congregação em geral. Não pensa que o pastor deva ser duro, como se diz vulgarmente, mas também que não seja mole. Deve ser firme

e seguro em matéria de princípios bíblicos e denominacionais. Do contrário estaria traindo sua elevada missão. Espera, outrossim, que não confunda dureza com firmeza. Um pastor firme, seguro, eleva e encoraja a igreja.

Cortês

O leigo espera que seu pastor seja esmerado em cortesia. É o mais singular perfume da vida, diz Amando Nervo. Por si só uma poderosa força. Macaulay definiu-a como a benevolência nas pequenas coisas. E livro algum dá mais importância às chamadas ninharias como a Bíblia, onde, por exemplo, a majestosa figura do patriarca Abraão aparece como paradigma da verdadeira cortesia. Ela caracteriza um cavaleiro, e certo historiador registra: "... foi naqueles dias que apareceu na Judéia o cavaleiro perfeito Jesus Cristo."

Com efeito, o pastor cortês é cavalheiro, afável, sereno, tolerante. A cortesia lhe é escudo, porque apara contendas, evita atritos e soluciona problemas. Daí ser um "dos decisivos elementos de triunfo."

Eis porque então o leigo espera que seu pastor seja assim ou faça o melhor para ser assim. "Se ... pastores, professores e leigos cultivassem o espírito cristão da cortesia, alcançariam mais prontamente acesso ao coração do povo," ensina-nos a todos E. G. White.⁴



Entusiasta e Alegre

O leigo espera que seu pastor seja entusiasta e alegre, pois a congregação é sensível ao entusiasmo e alegria de seu pastor. Alguém disse que nenhuma pessoa achará a melhor maneira de executar algo se não se entusiasmar pelo que tem a fazer. Para Emerson "jamais se realizou alguma coisa importante sem entusiasmo." Consoante a raiz etimológica, a palavra *entusiasmo*, na antiguidade clássica, significa *possuído pela divindade*, um estado carismático resultante de atitude otimista.

E quanto à virtude da alegria, "tudo sai às mil maravilhas para aqueles que possuem alegre disposição." No Pentateuco é-nos dito: "serás de todo alegre."⁵ O apóstolo Paulo dá-nos conselho semelhante: "alegrai-vos sempre."⁶

Entusiasmo e alegria, duas virtudes gêmeas no pastorado que o leigo espera realmente ver no seu pastor. Fica aí naturalmente excluído, pelo bom senso, o emprego de anedotas no púlpito, e piadas impróprias em particular, pois não fomentam estímulos espirituais.

Discreto

O leigo espera que seu pastor seja sábio na discrição. O que ele fala o rebanho geralmente grava. "O Pastor disse... o pastor afirmou... o pastor garantiu... eis a última palavra para o leigo. Um dos elogios da Bíblia a Davi, ainda muito jovem, é que ele era *sisudo nas palavras*,⁷ no sentido de sensato, prudente, circunspeto na conversação. Mentiras, boatos falsos, calúnias e distorcidos conceitos sobre fatos e pessoas, sim tudo isto pulula por toda parte, mesmo entre o povo de Deus, embora atenuado. Parece, entretanto, que em cada congregação há acusadores de irmãos. Por isto mesmo o leigo espera que o pastor saiba criteriosamente examinar os dois lados de cada questão e proceder como Jesus procederia. Se o pastor tiver em sua secretária um "livro de acusações" e usá-lo sempre para que ali os acusadores registrem suas acusações contra alguém, com a prévia condição de que sejam assinadas, esse expediente seria água na fervura... A verdade é que pessoas chegam a afirmar fatos que não viram, além de aceitarem como verídicos maus testemunhos, abonando o que alguém disse ter visto ou ouvido. Além de pai da mentira, Satanás deve ser o avô do boato. Presta-lhe serviços quem assim age. No Salmo 15 aprende-se que não devemos aceitar difamação contra alguém, se é que desejamos realmente ser cidadãos do Céu. O pastor que aceita facilmente versões negativas contra suas ovelhas, coloca-se na mais lamentável das posições como pastor de almas. Isto prejudica igrejas e espalha descontentamento. "Por boca de duas ou três testemunhas seja confirmada toda palavra,"⁸ é o

ensinamento da Bíblia para solucionar problemas do tipo dos quais vimos nos referindo, livrando assim o pastor de penetrar em densas trevas.

O leigo espera que seu pastor igualmente não seja político, como Jesus não o foi, e que se guarde da pretensão de agradar, ao mesmo tempo, duas correntes opostas, gregos e troianos.

Bem Informado

O leigo aprecia que seu pastor esteja em dia quanto aos acontecimentos, para transmiti-los quando for o caso à congregação. Por isso acredita que ele deve ler o noticiário, nas melhores fontes, sobretudo para as devidas aplicações quanto aos sinais dos tempos. Acha também que um ministro bem informado lê as publicações adventistas, estimulando assim seu rebanho a fazer o mesmo. Livros e certas publicações adicionais poderiam ainda ser incluídas, daí resultando ficar o rebanho a par das ocorrências do que lhe for transmitido. Isto para os crentes zelosos é muito animador.

É-nos dito que João Batista, o arauto do primeiro advento e símbolo eloqüente do segundo, periodicamente saía do seu retiro no deserto para se misturar com o povo e ser informado do que estava ocorrendo. Hoje os modernos meios de comunicação dão-nos rapidamente todas as informações de que precisamos, sem sair de casa. Basta apenas captá-las e selecioná-las, para aplicação.

Hábil Pregador

O leigo espera que seu pastor não se preocupe em ser *bom orador* e tampouco sintá-se inferiorizado de não o ser. Este, geralmente, com raras exceções, corre o risco de atrair os ouvintes mais para a sua pessoa do que para sua mensagem. Há ao mesmo tempo, o perigo da preunção em cada bom orador.

Entretanto, o leigo espera que seu pastor se esforce para ser *hábil pregador*, praticando, como lhe foi recomendado, a dicção e exercício da voz, além de estudar cuidadosamente seus sermões, no sentido de se revestirem do necessário calor espiritual e máxima solemnidade. Espera também que não se preocupe em lhe pregar cada sábado um longo sermão. Prefere mensagem breve, direta e eficaz, que geralmente não vá além de meia hora. Aprecia então ouvir um texto seletivo, lido da Bíblia, e se mais textos sejam mencionados, que venham enunciados de cor. Acha que um texto bem escolhido como tema central, bem trabalhado e ilustrado realiza mais do que tudo em contrário. A familiaridade que o tempo promove, da congregação com o pastor, tende psicologicamente em diminuir o efeito dos sermões. Contudo, se estes forem concisos, bem preparados e apelantes, surtem efeito e atingem obje-

tivos, mesmo que o pastor permaneça anos com o mesmo rebanho.

Quando em Nova York, fomos ouvir no Marble Collegiate Church o famoso pregador Dr. Norman Vicent Peale, havíamos lido várias dezenas de seus sermões. Notamos então que ele não é, propriamente, *bom orador*, mas sem dúvida *hábil pregador*. Reparámos ainda que Peale atrai pela vitalidade dos temas apelantes que aborda, pela simplicidade, assim como pela brevidade. Leva o sermão tão bem estudado que não fica dependente de notas e muita leitura.

O leigo espera que seu pastor assim procedendo possa chegar a ser *hábil pregador*, estudioso com muita antecedência de seus temas, para apresentá-los então com alma. Fica assim mais livre, e o Espírito Santo pode operar melhor.

Organizador e Evangelista

O leigo espera que seu pastor seja organizado, pois "a ordem é o primeiro mandamento do Céu." Cada departamento da Igreja precisa e deseja assistência do pastor, de modo que ele, qual regente de uma orquestra, deve orientar cada componente do conjunto. Espera também que seja um evangelista na área total do rebanho. Isto mais facilmente poderia ser feito se conseguir alistar cada leigo em ao menos uma atividade prática e específica. Puriton, em uma das suas famosas obras,⁹ relata o fato de certo pastor que permaneceu 25 anos como pastor de certa congregação. Embora o exemplo não se aplique à nossa particular filosofia quanto à permanência demorada em determinado pastorado, fica-nos entretanto a lição porquê, o segredo do sucesso daquele pastor é que simplesmente punha em prática o sábio conselho de Jesus: "a cada um a sua obra."¹⁰ Cada congregado estava alistado numa atividade específica. A congregação não parou de crescer e de se subdividir em outras. Além da benéfica e evangélica multiplicação, ovelhas ocupadas não têm tempo de olhar os defeitos das companheiras do rebanho.

E o leigo espera que seu pastor não lhe pregue aos domingos assuntos variados, sem concatenação, sem um plano, mas prefere, como evangelista que deve ser em sua própria igreja, uma permanente série de assuntos, quais conferências que podem ser ilustradas e anunciadas em volantes, jornais, rádios. Seria, em última consideração, a *verdade presente* pregada, domingo após domingo.

Amigo de Pecadores Penitentes

O leigo espera que seu pastor saiba se comunicar com os que erram, separando pecado e pecador. Há aí uma distinção e o perigo de misturá-los como semelhantes. Deus ama o pe-

gador penitente e deseja sempre reavê-lo, ao mesmo tempo que tem aversão ao pecado, por ser ele transgressor da lei. Somos animados a ser imitadores de Deus, como filhos amados.¹¹ Para esse pastoral comportamento há muitas lições bíblicas. Citemos apenas duas, uma no Antigo e outra no Novo Testamento: 1) Israel, o patriarca, não amaldiçoando seus violentos filhos Simeão e Levi, mas o "furor deles,"¹² 2) a igreja apostólica, em Éfeso, não aborrecendo os nicolaitas, mas "as suas obras."¹³ Os desgarrados, os desviados, os feridos, os desanimados, os inexperientes, os que caíram em transgressão e estão abatidos e humilhados etc., recebam, se penitentes, a palavra e a vista do pastor como bálsamo vindo do Céu. Muitos serão inclinados a chorar arrependidos se o pastor os procura amorosamente e ora com eles.

Sem Acepção de Pessoas

O leigo espera que seu pastor saiba tratar sua congregação sem a menor acepção de pessoas, de modo a ser atencioso para com alguns e não o sendo para com outros. Fatal seria a discriminação! Com seus oficiais naturalmente o pastor é mais chegado pelas circunstâncias do trabalho, como ocorria entre Jesus e os apóstolos. Contudo, uma consideração igual, amiga e cordial para com todos, indistintamente, é a justa atitude que a congregação aprecia. Pode o pastor ser tentado a tratar melhor os mais cultos, os mais bem vestidos, os mais inteligentes etc., ignorando que os mais humildes e esquecidos o percebem. Todos, sem distinção alguma, são almas mui preciosas pelas quais Jesus deu Seu sangue. Se Deus, como sabemos, não faz acepção de pessoa, então precisamos imitá-Lo plenamente.

Ausente Excepcionalmente

O leigo espera que seu pastor esteja geralmente presente às reuniões de seu rebanho. Sabe que o pastor precisa, às vezes, ausentar-se, mas tanto quanto possível aprecia vê-lo sempre presente, inclusive na classe de professores da Escola Sabatina, no passado freqüentada por todos os pastores.

De sua presença igualmente nas reuniões MV e em todas as comissões dos departamentos da Igreja resulta fortalecer-se tudo e previne desentendimentos desnecessários. Essas presenças estimulam os oficiais e os anima. Quanto mais o pastor se ausenta tanto mais há probabilidade de fazer falta. E quando o pastor tanto se ausenta que acaba falhando em guiar e animar seu rebanho, então pode estar dispersando e não concentrando esforços.

Assim o leigo espera que seu pastor esteja o mínimo ausente da congregação. E que, ao mesmo tempo, se esforce em ser pontual.

Idealista

Finalmente, o leigo espera que seu pastor seja idealista, no sentido mais amplo do que possa ser possível dar ao termo.

A medida que o fim se aproxima, aumenta a crise que em tudo lavra, notadamente, entre os valores e as forças morais. Há também séria crise de ideal, à qual nem mesmo o ministério escapa, com toda sua idealista vocação.

Rui Barbosa menciona a respeito de ideal: "Jesus disse que o homem não vive só de pão. Sim, porque ele vive do pão e do ideal. O pão é o ventre, centro da vida orgânica; o ideal é o espírito, órgão da vida eterna."

Para William James, o melhor uso que podemos fazer de nossa vida é consumi-la em algo mais duradouro que a própria vida. Eis aí, segundo o famoso filósofo, o máximo ideal, tão elevado que se dispõe ao sacrifício total! Integrado que está na gloriosa escola dos patriarcas, profetas, apóstolos, e do Senhor de nossas vidas, de seu pastor o leigo espera que saiba fazer essa consumição!

Tal idealismo leva-lo-á a ternamente amar sua congregação, seu trabalho, por árduo que lhe seja, e amar igualmente seus colegas de ministério. Será despreocupado das coisas seculares, pondo, como sacerdote, plena confiança nas providências e suprimentos do Altíssimo.

Tal idealismo livra-lo-á sempre da tentação de trocar seu santo mister — o mais importante e solene, entre os homens — por qualquer outro mais rendoso, em um mundo tão preocupado consigo mesmo e tão enfermo da lepra do egoísmo. Diz Carlyle que em tudo na vida, a verdadeira questão não é o que ganhamos mas o que estamos fazendo. Assim como o Senhor perguntou ao profeta: "Que fazes aqui, Elias?"¹⁴ deve estar sempre nos perguntando: "O que estás fazendo?" Esta pergunta evidentemente nos sugere exame de consciência para vermos se estamos fazendo algo para Sua glória ou para apenas atender nosso secular interesse.

Tal idealismo ajudá-lo-á a perseverar até o fim, a despeito de todas as aflições das quais Jesus nos preveniu, a receber então, terminada a batalha final, o prêmio da coroa da vida, juntamente com a família e todos quantos ajudou a salvar com seu idealista e fiel ministério.

Toda a Bíblia, mais do que qualquer outro livro, é um hino ao idealismo genuíno, aquele que realmente glorifica a Deus e serve o próximo, isto é, o amor total em ação!

Por isto mesmo o leigo espera que seu pastor seja autêntico no seu divino idealismo, sabendo de todo o coração, crendo de toda a alma que a mais importante, a maior obra neste mundo,

não é por exemplo, a grande muralha da China, construída 200 anos A.C., com seus quase incríveis 2.710 quilômetros de comprimento, a única obra humana que os astronautas enxergam quando já estão longe, rumo à Lua! Não é também o enorme canal de Suez, algo genial da engenharia, que rasga montanhas para ligar dois mares! Não é igualmente o famoso tunel de S. Gotardo, unindo dois países pelo subterrâneo, a Itália e a Suíça, através de 15 quilômetros! E nem é tão pouco o imponente e colossal Empire States Building, de Nova York, com seus 102 andares, provavelmente ainda o maior edifício do mundo! Nem ainda tantos outros feitos brilhantes do homem da chamada tecnologia moderna, repletos de feitos avassalantes, os mais audaciosos, no tempo e no espaço, ontem, hoje, até o próximo e pretendido futuro da era espacial.

Não é isto. Nunca!

O leigo fiel à verdade que lhe foi transmitida por algum ministério, seja o pessoal, seja o da página impressa, seja o médico, seja o rádio, da TV ou por qualquer outro divino veículo, sim, esse leigo espera e pede a Deus que seu pastor seja verdadeiro idealista para ter consciência, de todo o coração e crer de toda a alma, que a maior obra neste mundo, *"a mais elevada de todas as obras é o ministério,"* mostram E. G. White.¹⁵ Que essa verdade, qual bússola, que esse pensamento inspirado, seja para o pastor uma firme alavanca com a qual possa facilmente suspender todos os pesos da oposição, das pressões internas e externas, da tentação do adversário contra o seu sagrado ministério, ao qual num dia feliz, há pouco ou há muito tempo, selou sua vida!

Sim, "o ministério em seus vários ramos" — eis **A MAIOR OBRA DO MUNDO!**

O leigo espera que seu pastor seja, profunda e irreversivelmente, ligado até a morte ou até o próximo fim, a *maior obra que se faz hoje na face da Terra!*

Bibliografia:

- 1) Tiago 5:17;
- 2) I Timóteo 4:12;
- 3) I Coríntios 11:1;
- 4) *Testimonies*, Vol. 5, pág. 31;
- 5) Deuterônimo 16:15 úp;
- 6) I Tessalonicenses 5:16;
- 7) I Samuel 16:18;
- 8) Deuterônimo 19:15 e II Coríntios 13:1;
- 9) E. E. Puriton, "A Vitória do Homem de Ação;"
- 10) Marcos 13:34 úp;
- 11) Efésios 5:1;
- 12) Gênesis 49:5, 7;
- 13) Apocalipse 2:6;
- 14) I Reis 19:9 úp;
- 15) *Obreiros Evangélicos*, pág. 60.



O PASTOR COMO MINI-PRESIDENTE

WERNER VYHMEISTER

Diretor de Educação da Divisão Sul-Americana

QUE diríamos do pastor que dedicasse *todo* o seu tempo à preparação de bons sermões e não visitasse os membros, nem desse estudos bíblicos, nem impulsioneasse das atividades leigas, nem acompanhasse os jovens em suas atividades?

A obra do pastor da igreja ou do distrito é poliédrica. Conquanto seja natural esperar que cada pastor tenha mais interesse em (ou maiores aptidões para) um ou mais aspectos de sua tarefa, o bom êxito o acompanhará na medida em que ele saiba conduzir *todo o seu programa* de forma equilibrada.

O pastor é um mini-presidente. Em sua igreja ou distrito tem de velar pelas mesmas áreas que cuida o seu presidente de associação ou missão. Que conceito nos mereceria um presidente que só se interessasse em apoiar o trabalho do diretor do departamento da Escola Sabatina?

O pastor local é também um administrador. Ele também tem um secretário, um tesoureiro e diretores de departamentos. Tem-nos (ou deveria tê-los) na Escola Sabatina, jovens, rádio, relações públicas, assistência social, temperança, educação, publicações, mordomia, atividades leigas etc. A única diferença fundamental

entre os seus "departamentos" e os da associação ou missão, é que os seus são geralmente leigos. Porém, todos têm a mesma responsabilidade de fazer avançar a obra da igreja de forma equilibrada em seu respectivo nível. É dever do pastor velar para que cada um conheça bem suas responsabilidades e as cumpra.

Um Caso Específico

Certo dia os diretores do Departamento de Educação da associação, da união e da divisão, foram visitar uma escola de igreja. A escola estava em mau estado, reboque caído, vidros quebrados, pintura péssima. Tampouco o pátio alentava a formação de hábitos de limpeza e ordem entre os jovens alunos. Crendo que sua oportunidade havia chegado, o pastor informou aos visitantes que era tempo de fazerem alguma coisa para tirar a escola de sua triste situação. (De passagem, de pensaríamos do sentido de responsabilidade de um presidente de associação que informasse ao da divisão que era tempo de que a divisão pusesse em ordem o colégio secundário da associação?)

Passaram-se alguns meses. O pastor foi trans-

ferido e outro pastor veio para essa igreja. Em poucas semanas, com a entusiástica colaboração dos irmãos, a escola estava reparada, pintada, e com os vidros repostos. O pátio estava limpo e arrumado, e via-se a necessidade de aumentar para logo o número de aulas. (Entre parêntesis, também estava-se reformando o prédio da igreja, havia-se celebrado uma extraordinária semana de oração, os jovens haviam descoberto que o pastor sabia acompanhá-los e apoiá-los, e as demais atividades da igreja vibravam com novo entusiasmo.)

Que havia acontecido? Basicamente, uma só coisa: o novo pastor tinha uma visão mais equilibrada de seu ministério, e procurava levá-la a cabo.

O Pastor e a Educação

Já que mencionamos um exemplo relacionado com educação, digamos algo mais. Antes de mais nada, deixemos claro que a responsabilidade educacional em nossa igreja se distribui normalmente da seguinte maneira:

a. A escola primária (básica, fundamental) é mantida pela igreja local ou por um grupo de igrejas de uma mesma cidade ou localidade.

b. O colégio secundário é mantido pela associação ou missão.

c. O colégio superior é mantido pela união.

A fim de dar maior estabilidade a nosso programa educacional, as organizações superiores assumem a responsabilidade de controlar, também de maneira escalonada, nossas escolas e colégios. Inclusive, colabora financeiramente também quando é necessário. Mas a responsabilidade básica por cada escola e colégio está em mãos da organização já indicada.

Estamos realizando um estudo de certas tendências da educação adventista na Divisão Sul-Americana. Oportunamente publicaremos algo com dados bem específicos. Já podemos, porém, antecipar que nos preocupa seriamente o haver descoberto que em 1972 temos menos jovens e meninos adventistas em nossas instituições, com relação ao número de membros da igreja, do que tivemos em 1965, para dar uma data. O grave de tudo isto é que o problema vai-se acentuando em lugar de diminuir com os anos.

Creemos que devemos continuar pondo grande ênfase em nossas campanhas de evangelização. A igreja necessita crer. Nosso ministério, porém, deve ser equilibrado. Que estamos fazendo pelos jovens e pequenos que vão entrando na igreja? Estamos edificando escolas para eles? Estamos mostrando interesse em que nossa igreja local destine parte de seu orçamento anual para ajudar os jovens que devem ir para os nossos colégios secundários e superiores e não

podem? Se nós, como pastores do rebanho, não nos responsabilizamos, quem atenderá às necessidades dos cordeiros?

“Ao mesmo tempo que devemos fazer sérios esforços em favor das massas que nos rodeiam, e impulsionar a obra nos campos estrangeiros, nenhuma quantidade de trabalho pode desculpar-nos o descuido da educação de nossos meninos e jovens.” — *La Educación Cristiana*, pág. 129.

O ADVENTISMO EM ...

(Continuação da pág. 10)

assim se chamaram os seus seguidores. Eles, então, prepararam estes pontos cardiais:

(1) Que Deus, por um decreto eterno e imutável, em Cristo antes da fundação do mundo, determinou eleger da raça humana pecadora e caída, para a vida eterna, aqueles que através de Sua graça, crerem em Jesus Cristo e perseverarem em fé e obediência; e pelo contrário, tem resolvido rejeitar os não convertidos e descrentes, deixando-os à condenação eterna. (S. João 3:16).

(2) Que, em conseqüência disto, Cristo, o Salvador do mundo, morreu por todos e cada homem, obtendo assim, pela Sua morte na cruz, reconciliação e perdão pelo pecado, para todos os homens; de tal maneira, no entanto, que ninguém senão os fiéis gozarão de tudo. (S. João 3:16; I S. João 2:2).

(3) Que o homem, por si mesmo, não poderia obter a salvação ou pela força de sua própria vontade, mas permaneceu em necessidade da graça de Deus, através de Cristo, para ser renovado em sua mente e vontade. (S. João 15:5).

(4) Que esta graça foi a causa do início, do progresso e finalização da salvação do homem; de tal forma que ninguém poderia crer, nem perseverar em fé, sem esta graça cooperadora; e, conseqüentemente, que todas as boas obras devem ser atribuídas à graça de Deus em Cristo. Quando à maneira de operação desta graça, todavia, não é irresistível. (Atos 7:5).

(5) Que os verdadeiros crentes tiveram suficiente força através da graça divina, para lutar contra Satanás, o pecado e o mundo, sua própria carne e ganhar a vitória sobre todos; mas, se por negligência, eles se apostatarem da fé verdadeira, perderem a felicidade de uma boa consciência e perderem aquela graça, necessitam ser mais plenamente informados de acordo com a Palavra de Deus, antes que prossigam a ensiná-la. — Harrison, op. cit., págs. 150 e 151, “*Questions on Doctrine*,” págs. 404 e 405.

(Continua)

PLANOS VOTADOS PARA 1973



PROGRAMA DE AÇÃO COORDENADA — 1973

(72-232)

Considerando os inumeráveis conselhos inspirados que mostram que o êxito da terminação da obra será logrado através de uma ação harmoniosa, concentrada e unida, e

Considerando que a unidade plena entre os diferentes elementos da igreja é um requisito indispensável para o derramamento da chuva serôdia, dom que tanto necessitamos,

VOTADO, 1. Reafirmar o nosso voto de que 1973 seja o ANO DA JUVENTUDE na Divisão Sul-Americana.

2. Que as campanhas de evangelização a se realizarem abranjam a totalidade das forças leigas e obreiros de toda a Divisão Sul-Americana.

3. Que se use na promoção dos programas o slogan: "CRISTO, CONTA COMIGO AGORA."

4. Que a planificação geral dos departamentos esteja baseada nas linhas gerais do gráfico "Programa de Ação Coordenada 1973 — Ano da Juventude."

5. Que no desenvolvimento deste plano levem-se em conta os três aspectos fundamentais de todo trabalho evangelizador bem sucedido:

REAVIVAMENTO INSTRUÇÃO AÇÃO

6. Que os detalhes de cada aspecto sejam:
FASE 1: REAVIVAMENTO

a) Buscar através do estudo da Palavra de Deus e dos conselhos de Deus por meio do

Espírito de Profecia, um despertar da verdadeira piedade na igreja, preparando-nos para a chuva serôdia.

b) Realizar durante 1973 um estudo sistemático, com o fim de analisar o problema da apostasia, suas causas freqüentes, as medidas a serem tomadas para diminuí-la, e os métodos a serem usados para atrair de volta às fileiras da igreja aqueles que a tenham abandonado.

c) Campanha de visitação intensiva a apóstata, a partir do terceiro trimestre de 1973, com um plano integral para localizar e trazer de volta à igreja quantos seja possível.

d) Que os resultados do estudo sirvam para buscar remédios para as situações ou atitudes que resultam prejudiciais à igreja.

FASE 2: INSTRUÇÃO

a) Que sejam dadas, durante o ano, instruções específicas, preparando os nossos irmãos para que possam dar testemunho de sua fé, e possam ganhar almas.

b) Que as duas semanas de capacitação missionária sejam utilizadas para a parte teórica, e que os períodos seguintes sejam uma combinação do teórico com o prático.

c) Que não se considerem apenas estas duas coisas, mas também as partes espiritual e social.

d) Que se use o material preparado expressamente para este fim.

e) Que os irmãos não sejam lançados ao trabalho da pregação sem antes haver-se-lhes dado um mínimo de preparo e conhecimento do que vão fazer, realizar etc.

FASE 3: AÇÃO

a) Continuar dando impulso à realização de campanhas de colheita, similares aos planos de 1971 e 1972, com o propósito de formar novos evangelistas.

b) Realizar o maior número possível de campanhas evangelísticas de vasto alcance, a cargo do maior número possível de obreiros.

c) Formar equipes de evangelização nos campos locais para a realização da tarefa.

d) Dar ênfase especial durante 1973 à penetração em cidades e áreas onde ainda não tenham penetrado.

e) Preparar material padrão para ser usado nas grandes campanhas em referência.

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL — PROGRAMA DE AÇÃO COORDENADA, 1973

(72-242)

"Operação Avance"

Considerando o desafio da hora presente diante da necessidade de terminar a obra na América do Sul, continuando com o plano quinquenal em marcha, e em harmonia com o PROGRAMA DE AÇÃO COORDENADA já votado,

VOTADO, 1. Que 1973 seja um ano de intenso trabalho de evangelização pública, com a participação ativa de todo o corpo de obreiros da Divisão Sul-Americana.

2. Que através da Divisão seja estimulado um plano que consistirá em:

I. Campanha de Semana Santa — abril de 1973.

II. Grande campanha de evangelização a ser lançada simultaneamente no dia 18 de agosto e cuja primeira fase se estenderá até o dia 3 de novembro.

III. Plano de colheita desde o dia 3 de novembro até o dia 15 de dezembro.

IV. Semana de Decisão entre os dias 15 e 22 de dezembro.

V. Datas especiais de batismos de acordo com o recente calendário:

24-31 de março — batismo de outono

23-30 de junho — batismo de inverno

22-29 de setembro — batismo da primavera

22-29 de dezembro — batismo do verão

VI. Semeadura profusa antes das campanhas públicas, usando-se os planos dos diferentes Departamentos com o objetivo de lograr uma boa colheita.

3. Para alcançar este objetivo, apoiar o plano através de:

A. Preparação dos seguintes tipos de material:

a) Manuais com instruções para as três campanhas maiores.

b) Convites padrões para anunciar conferências.

c) Modelos de avisos para rádios, jornais e outros meios de publicidade.

d) Programas com diapositivos e gravações para ilustrar os temas.

e) Microprogramas radiais sugestivos para serem usados antes, durante e como continuação da campanha.

f) Calendário de atividades para o ano, com detalhes do processo de preparação e realização das campanhas.

B. Publicidade intensiva em nossas revistas denominacionais antes, durante e depois das campanhas.

C. Publicação de números especiais de nossas revistas denominacionais (*Vida Feliz, Juventud, O Atalaia, Mocidade*) para serem usadas em conexão com as campanhas.

D. Buscar a integração da totalidade dos obreiros no programa da Divisão Sul-Americana, solicitando aos campos que tracem os planos locais com a participação de cada um dos membros de seu pessoal.

E. Animar os obreiros a usarem as forças leigas, utilizando estas o material preparado pelo Departamento de Atividades Leigas.

F. Sendo 1973 o ANO DA JUVENTUDE, animar os obreiros a organizarem e instruírem os jovens para a realização de campanhas evangelísticas, usando os planos e o material preparado com tal propósito pelo Departamento MV e a Associação Ministerial.

4. Para dar a esta tarefa de evangelização uma maior organização e promoção, que tanto as Uniões como os campos locais nomeiem uma comissão de evangelismo, que estaria integrada da seguinte maneira:

Presidente: presidente do campo

Secretário: secretário ministerial

Membros: secretários dos departamentos

Outras pessoas, se necessário

Que esta comissão receba relatórios regulares dos distritos ou campos, e avalie periodicamente o andamento do plano para fortalecê-lo onde se faça necessário.

5. Diante do desafio de lugares onde a mensagem ainda não penetrou, formar equipes de pioneiros para abrir essas áreas à verdade. Essas equipes poderão ser de obreiros, jovens, leigos em geral, ou mistas.

6. Animar cada obreiro, independente do lugar que ocupa na obra, ou a atividade que desempenha, a revisar o seu programa de atividades gerais, dedicando o maior tempo possível à tarefa para a qual a Igreja existe: evangelizar de tal maneira que a obra seja robustecida mediante o uso de cada talento concedido pelo Senhor.

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



IMORTALIDADE INATA, OU CONDICIONAL ?

(Conclusão)

PERGUNTA 40

Volviendo ao Novo Testamento, veremos que a palavra “espírito” é traduzida 2 vezes da palavra grega *phantasma*, e 288 vezes de *pneuma*. A palavra grega *pneuma* é traduzida 381 vezes como “espírito,” uma vez como “vida,” uma vez “vento,” e uma vez “espiritual.” [Refere-se à Bíblia inglesa.]

Pneuma é usado (1) referindo-se a ar em movimento, tal como “vento” em S. João 3:8, e “espírito” em Apoc. 11:11; (2) ao princípio de vida, como em S. Luc. 8:55; (3) ao estado de ânimo, disposição, influência ou atitudes que governam o homem, a base de seu caráter, como em I Cor. 4:21; II Cor. 12:18; (4) a seres incorpóreos, tais como anjos (Heb. 1:14), demônios, ou espíritos maus (S. Mat. 8:16); (5) ao Espírito Santo, como em S. Mat. 1:18 etc. Há também outros matizes de sentido relacionados com as aplicações aqui citadas.

Não existe, inerente à palavra *pneuma*, coisa alguma que lhe pudesse dar o sentido de alguma suposta entidade consciente do homem, capaz de existir independente do corpo, nem o uso da palavra *com respeito ao homem*, no Novo Testamento, implica de qualquer modo em semelhante conceito.

É Imortal a Alma? É Imortal o Espírito?

No que respeita à Bíblia, a palavra “imortal” só se emprega com referência a Deus: “Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos.” I Tim. 1:17. Esta é a única vez que ocorre a palavra nas Escrituras. A imortalidade inata só é atribuída à Divindade: “Exorto-te perante Deus, . . . único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade.” I Tim. 6:13-16. O dom da imortalidade é

prometido ao homem, e ele é instado a buscá-lo (Rom. 2:7). Com efeito, é prometido aos fiéis, por ocasião da segunda vinda de Cristo: “Nem todos dormiremos [morreremos], mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar d’olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade.” I Cor. 15:51-53. Em I Tess. 4:16 o apóstolo torna claro que a “última trambeta” e a ressurreição dos mortos se darão por ocasião do segundo advento.

Se o homem é aconselhado a buscar a imortalidade, é claro que não a possui agora. Quando da criação do homem, no princípio, foi-lhe apresentada a morte como resultado certo da desobediência: “No dia em que dela comeres [do fruto da árvore proibida], certamente morrerás.” Gên. 2:17. É óbvio que o homem não foi criado impossibilitado de morrer. É igualmente claro, da narrativa da queda, que o homem teria vivido para sempre se tivesse continuado a participar da árvore da vida. Depois do pecado de Adão, disse Deus: “Assim, para que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. . . .” Gên. 3:22. É simples deduzir, da narrativa da criação e da queda do homem, que Deus prometeu a este vida eterna sob condição de obediência, e a morte no caso de desobedecer.

Se formos levados a pensar que o uso que o Novo Testamento faz de expressões como “corpo e alma,” e “corpo, alma e espírito,” possam indicar que o homem realmente se compõe de três partes componentes, divisíveis, e que pelo menos uma delas é imortal, temos de considerar o seguinte:

1. Cristo declarou que tanto o corpo como a alma podem ser destruídos no inferno: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí antes Aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo." S. Mat. 10:28.

2. O cuidadoso estudo de todos os adjetivos empregados na Escritura para qualificar a palavra "espírito," como se aplicando ao homem, indica que *nem um*, mesmo remotamente, se aproxima da idéia de imortalidade como uma das qualidades do "espírito" humano.

3. O Espírito de Deus é o único espírito

que tem o qualificativo "eterno." Heb. 9:14.

Os adventistas do sétimo dia não creem que o homem, todo ou qualquer parte sua, seja inerentemente imortal. Cremos no quadro bíblico de que o homem é uma criatura sujeita à morte, com a possibilidade de vida eterna, unicamente por isso que Cristo pagou a penalidade do pecado e oferece ao pecador arrependido a *Sua vida*. Jesus Cristo "não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho." II Tim. 1:10. *NEle* está nossa esperança — nossa única esperança. — *Questions on Doctrine*, págs. 511-519.

Exame para um Pastor

À luz de minha consciência, diante de Deus e sem equívocos, como respondo a estas cinco perguntas?

1. Sou veraz? Há circunstâncias nas quais eu diria, ou disse, uma mentira? Pode-se confiar em que direi sempre a verdade, não importa o preço?

2. Sou honrado? No que respeita a questões de dinheiro, pode-se confiar em mim de forma absoluta? Em meu trabalho, respeito a reputação de outras pessoas?

3. Sou puro em minhas relações com pessoas de outro sexo? Sou puro em meus pensamentos e hábitos?

4. Ofendo-me com facilidade? Posso perdoar generosamente? Perco a paciência com facilidade? É minha vida a de quem ama tanto que se recusa sentir-se ofendido pelos demais?

5. Sou egoísta ou altruísta? Sou consagrado? Estou vivendo para Deus ou para obter dinheiro, poder e alta posição? Estão todas as minhas faculdades ao serviço da humanidade e do reino de Deus? Em resumo, vivo para mim mesmo ou para os outros?